

Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga

Alexandra LINO GASPAR

1. INTRODUÇÃO

Em 1983, no âmbito do Projecto de Salvamento de Bracara Augusta", realizaram-se escavações junto à cabeceira da Catedral de Braga (Est.I,1). A área envolvente deste monumento fora definida naquele projecto como uma zona-chave a interencionar devido à riqueza de achados aí encontrados. Estes apontariam para a obtenção de novos dados importantes para a compreensão do urbanismo da cidade romana. Os elementos epigráficos romanos sugeriam-nos a existência de um edifício público (templo dedicado a Isis ou mercado) (ARGOTE, 1974, 224; 255) e os vestígios de elementos arquitectónicos testemunhavam a intensa ocupação desta parte Norte de Bracara Augusta. Por outro lado, dada a localização desta intervenção, esperavam obter-se mais elementos sobre o primeiro traçado conjectural da Catedral (LACERDA, 1942, 181) assim como sobre as suas fundações.

Dos resultados desta escavação, já publicados, (GASPAR, 1985, 51-125) pode-se salientar um conjunto de cerâmicas cujo interesse reside no facto de se ter conseguido reconstituir uma série de perfis completos, podendo, por conseguinte, ajudar ao estabelecimento de tipologias e da possibilidade de atribuição de uma cronologia - séculos XIII/XIV - muito embora não a consideremos limitativa da utilização desta cerâmica.

Este material provém de duas camadas que designámos por 9 e 10a (Est.I, 2). A primeira corresponde a uma camada de incêndio, de destruição e abandono de uma estrutura medieval (A) cuja funcionalidade não conseguimos definir. Dela provém um conjunto de moedas de D. Sancho II, D. Afonso III e de D. Dinis. Esta camada sobrepunha-se e cobria na totalidade a camada 10a que correspondia ao enchimento de uma pequena vala de roubo de pedras e que parece ter servido de vasadouro ou lixeira. Pelo posicionamento relativo à anteriormente descrita, pudemos estabelecer um terminus postquem.

2. CERÂMICA

Embora nos tenha sido dado observar nesta escavação uma clara sucessão cronológica- momentos de construção,

de ocupação e de destruição bem definidos pela estratigrafia, não verificámos uma evolução correlativa que nos permitisse diferenciar os materiais medievais fornecidos por cada camada.

A. Principais características de fabrico

As pastas destas cerâmicas foram observadas à lupa e as correspondentes lâminas delgadas estão a ser analisadas no Museu Monográfico de Conimbriga. Se bem que este estudo ainda não esteja concluído, pudemos para já, e relativamente a este conjunto aqui apresentado, estabelecer quatro grupos distintos.

Grupo 1 - A cor da pasta varia entre o bege mais ou menos claro e o castanho avermelhado. Excepcionalmente o cerne pode ser cinzento. A pasta é sempre dura e de toque sonoro com desengordurante muito abundante constituído essencialmente por cerâmica moída associada, porém, a grãos irregulares de quartzo, mica em pequenos bastonetes com predomínio da moscovite e pouco feldspato. As superfícies, normalmente da cor da pasta, podem também apresentar uma tonalidade acinzentada homogénea ou sob a forma de manchas irregulares.

Grupo 2 - Pasta de cor creme com cerne cinzento, dura e com desengordurante constituído por quartzo, cerâmica moída e palhetas de moscovite em pequenas partículas. Apresenta ainda grande quantidade de espaços vazios alongados, provavelmente resultantes da combustão de palha englobada na própria pasta. As superfícies da mesma cor da pasta, são sempre bem alisadas.

Grupo 3 - Pasta de cor cinzenta acastanhada, muito dura. O desengordurante é composto por mica e por partículas irregulares de quartzo, por vezes de grandes dimensões. As paredes alisadas são geralmente de cor negra.

Grupo 4 - Pasta de cor cinzenta homogénea. O desengordurante é muito abundante, mal classificado, com abundância de grandes bastonetes, essencialmente de biotite e predomínio de grãos de quartzo e feldspato. A

matriz argilosa é por vezes muito fina e por vezes grosseiramente micácea. A cor da superfície varia entre o cinzento claro e o quase negro. Esta é geralmente mal alisada podendo mesmo ser rugosa.

Uma característica interessante comum aos grupos 1 e 4 é que, quando a biotite se apresenta em placas espessas, estas abrem em V, deixando um espaço vazio, o que torna a pasta e consequentemente as peças, extremamente leves.

Nenhum destes grupos determina formas, uma vez que nos foi dado observar a existência de formas idênticas em diferentes fabricos.

B. Formas

As formas que podemos reconstituir correspondem a potes, púcaros, jarros e baldes.

1. Os potes podem ser grandes, médios e pequenos variando os seus diâmetros entre os 28 e os 7 cm.

O único perfil completo desta forma (Est. II, 1 e VI, 19) foi encontrado na camada 10a. As suas paredes são extremamente finas, definindo um bojo ovóide; o colo rectilíneo apresenta uma aba ligeiramente inclinada para o exterior, caracterizada por um estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna. A decoração é composta por caneluras que alternam com bandas decoradas de incisões oblíquas, sobrepostas, por sua vez, por cordões digitados verticais (Fabrico: grupo 3).

Os restantes bordos representados na Estampa II são exemplos que testemunham a variedade de abas que nos aparecem nesta forma. Dada a sua fragmentação não nos foi possível adiantar outros elementos sobre a decoração, à excepção das duas abas como a do nº 3 (Est. II), que pode cingir-se a perfurações distribuídas irregularmente, ou ser constituída por conjuntos de 2 a 4 incisões paralelas oblíquas que se distribuem na aba, onde rematam, por vezes, cordões simples ou digitados.

2. Os púcaros estão bem representados na camada 10a. Embora o material deste estrato seja pouco abundante, permitiu a reconstituição de 9 perfis completos pertencentes a esta forma (Est. III).

As dimensões destes púcaros variam pouco - os fundos têm cerca de 7/8 cm de diâmetro, os bordos cerca de 11 cm e a altura é aproximadamente de 13 cm.

Os fundos são ligeiramente realçados; as asas, de secção rectangular arrancam sempre do bordo, que apresenta, pelo seu lado, formas mais variadas.

A decoração repete-se: a pansa é parcialmente decorada com caneluras que geralmente não cobrem o colo e que podem ser sobrepostas por cordões digitados verticais (Est. III, 12). No exemplar com o nº 13 optou-se por riscar sobre as caneluras uma série de linhas verticais que descem até meio da pansa.

Alguns destes púcaros parecem de fabrico manual.

Os fabricos predominantes nesta forma são o 1 e o 3, aparecendo alguns púcaros do grupo 2. O grupo 4 não está representado.

3. Os jarros estão representados pelo perfil completo apresentado nas Estampas IV e VI, 18. A sua forma é bastante elaborada. Destacamos, como elementos mais interessantes o acentuado estrangulamento da parede que liga o bojo à base, ela própria proporcionalmente pequena, conferindo, de certo modo, à peça uma impressão de desequilíbrio, e a reduzida espessura das paredes que se mantém do bordo até ao fundo. Estas, cuja cor varia do beije ao cinzento, foram bem alisadas (Fabrico: 2). A base desta peça foi decorada com incisões oblíquas paralelas, e as paredes cobertas por caneluras bem marcadas, sobre as quais foram aplicados 4 cordões verticais lisos; um deles foi alargado para formar o bico e outro interrompido para a aplicação da asa, que apresenta a parte superior côncava, e que, além de ser decorada por uma série de perfurações, apresenta marcas digitadas do oleiro, que pelo menos lateralmente, pensamos serem intencionais.

A análise dos restantes fragmentos de jarros permitiu-nos concluir que as dimensões dos bordos destas peças oscilam entre os 11 e os 14 cm e apresentam-se geralmente com uma aba côncava. As paredes podem ser decoradas apenas por caneluras. As bases, cujos diâmetros variam entre 10 e 14 cm são muito características: os fundos são geralmente planos e o arranque da parede é perpendicular ao fundo, flectindo depois para o interior. A sua decoração é variada: as incisões podem ser mais ou menos marcadas, verticais ou oblíquas e paralelas entre si, podendo ainda a parede vertical ser lisa e a decoração ser só aplicada na parede que inflecte; neste caso a decoração pode cingir-se a caneluras finas ou com sobreposição de incisões.

Os fabricos predominantes são o 1 e o 2. Dois exemplares integram-se no grupo 3.

Esta forma aparece sobretudo na camada 9.

4. Os baldes estão representados por um perfil completo (Est. V, 17) que mede 40 cm de altura. As paredes deste exemplar encurvam ligeiramente para dentro e vão rematar num bordo ovalóide em forma de aba horizontal com 50 cm de diâmetro. Note-se a irregularidade da parede, mais alta de um dos lados.

A decoração desta peça e dos outros fragmentos da mesma forma, consiste numa alternância de bandas ornamentadas com incisões oblíquas paralelas com caneluras largas, sobrepondo-se-lhes uma série de cintas largas digitadas que rematam no bordo. A aba é decorada com perfurações.

Todos os exemplares encontrados se integram no fabrico 1.

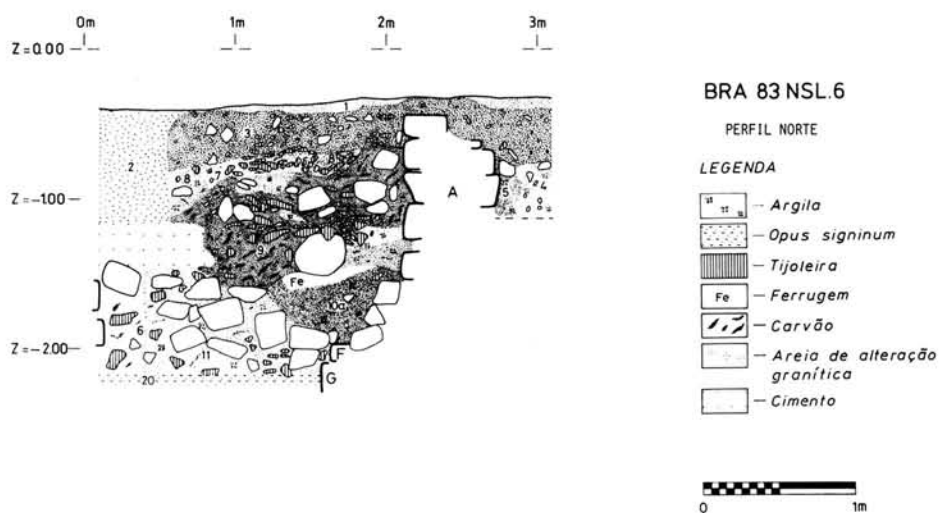
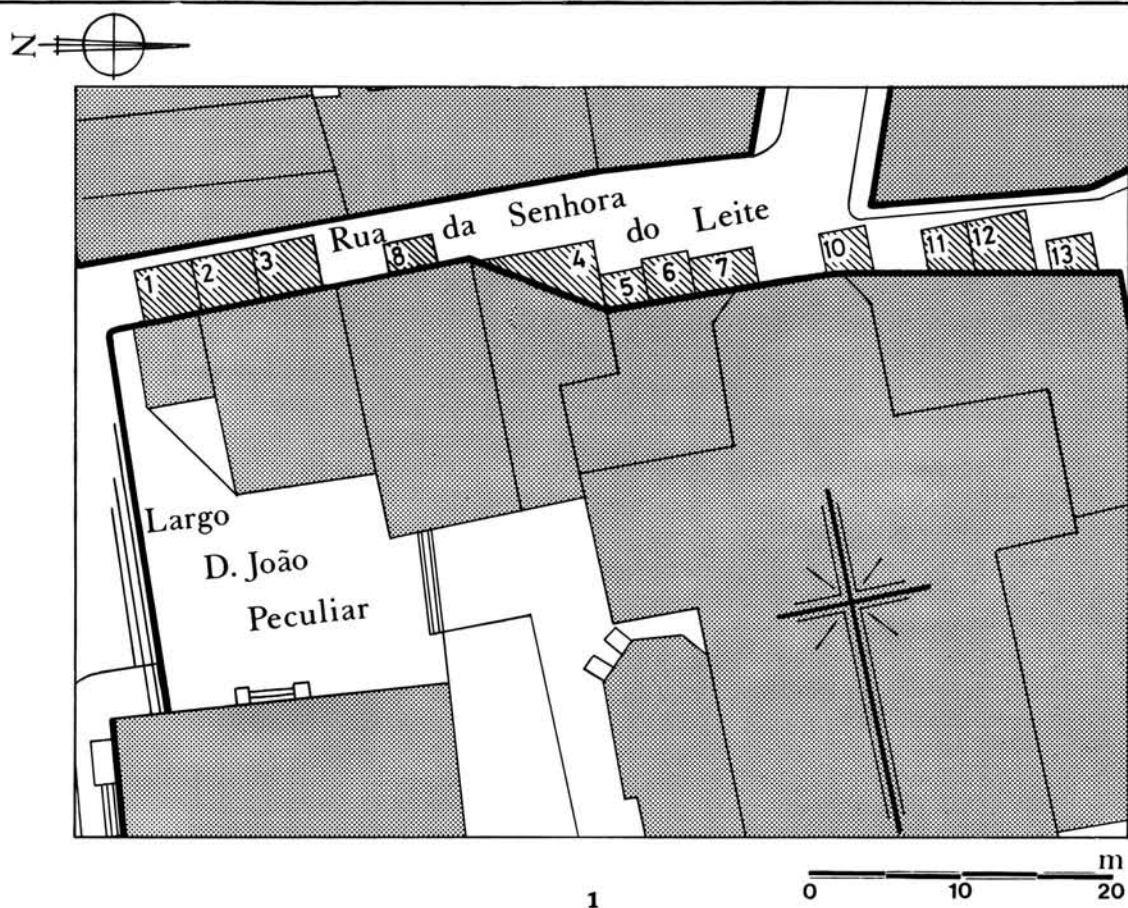
Esta forma aparece predominantemente na camada 10a.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

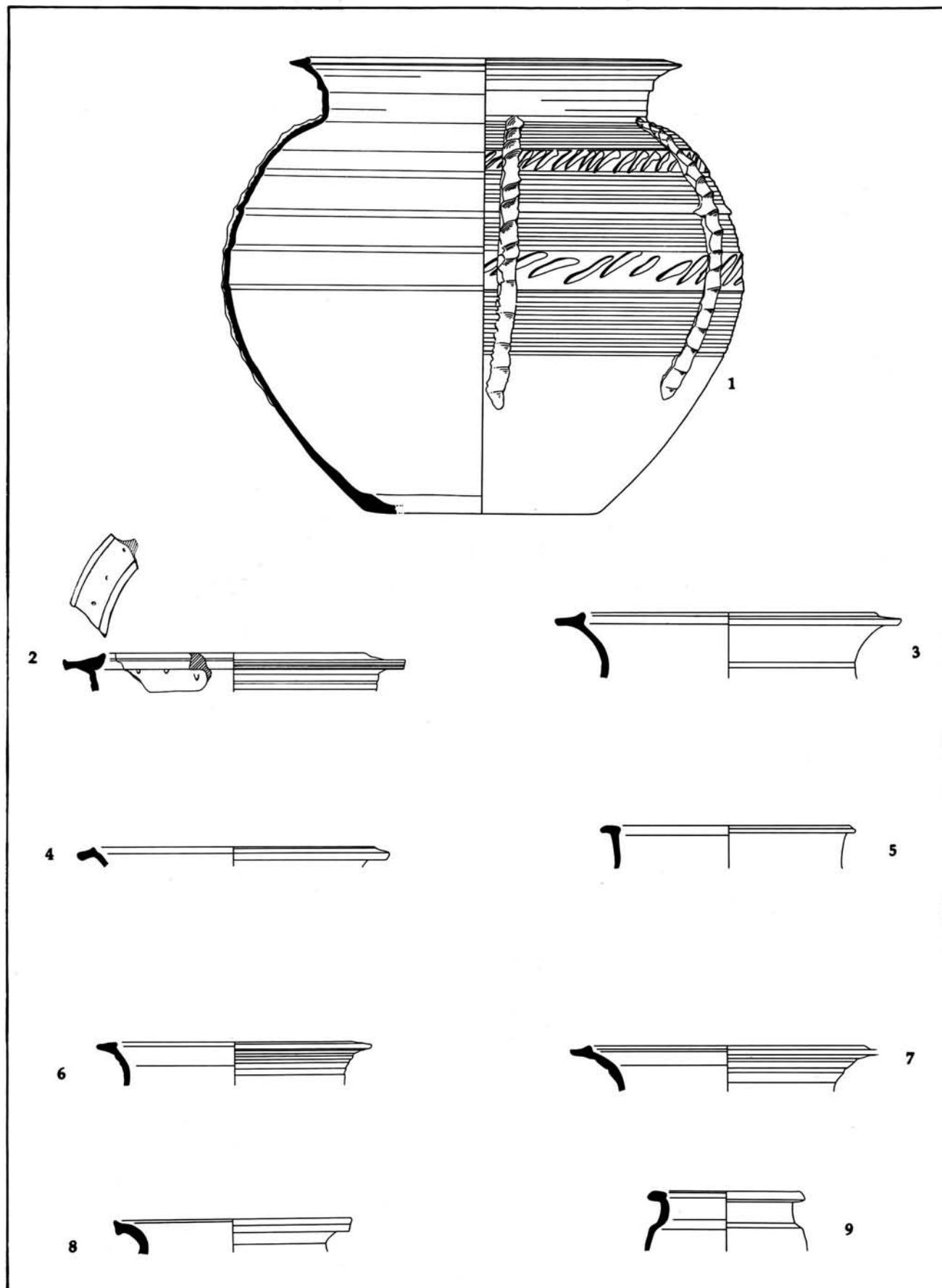
As formas encontradas nesta intervenção não são muito variadas. No entanto, surgem como um primeiro contributo para a cerâmica medieval de Braga, até agora mal conhecida.

Pensamos que estas cerâmicas comuns poderão ser produtos locais, talvez feitos na Rua da Olaria, rua que acompanhava a catedral do lado Sul.

Os dados que actualmente possuímos sobre a sua difusão são escassos, não nos permitindo ter uma visão global sobre a sua distribuição na região.

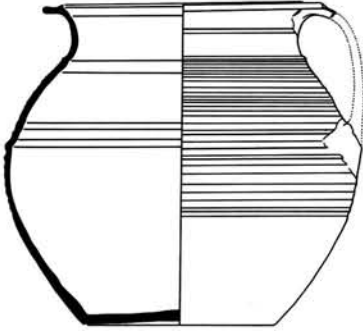


Estampa I - 1. Localização das zonas de intervenção
 2. Leitura estratigráfica do perfil Norte da zona NSL6

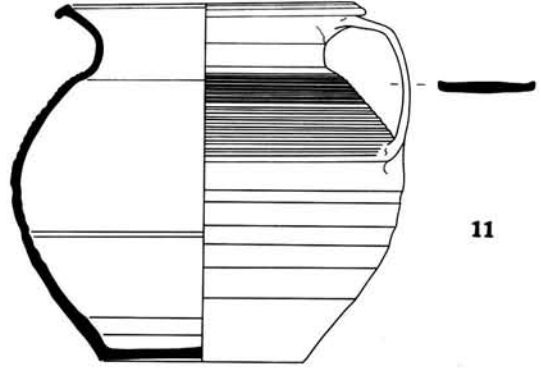


Estampa II - Alguns exemplares de potes (Esc. 1:3)

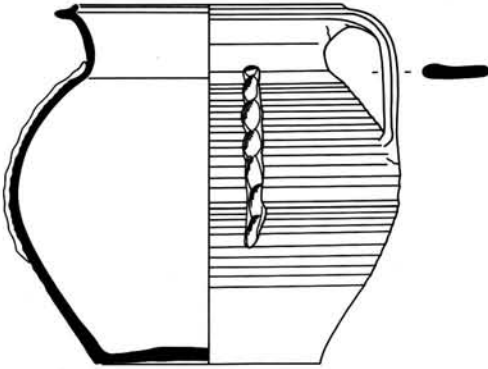
10



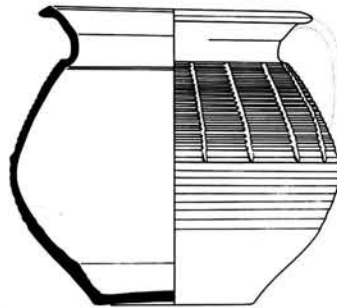
11



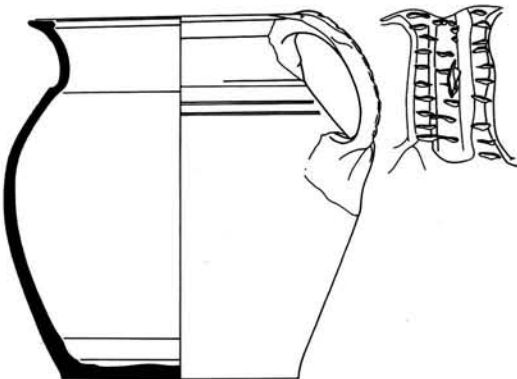
12



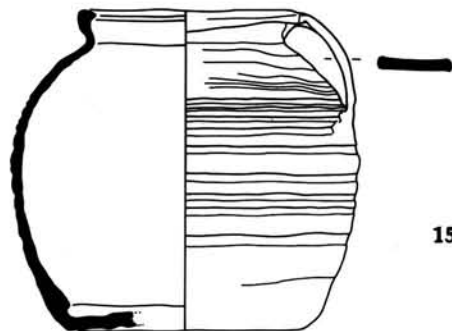
13



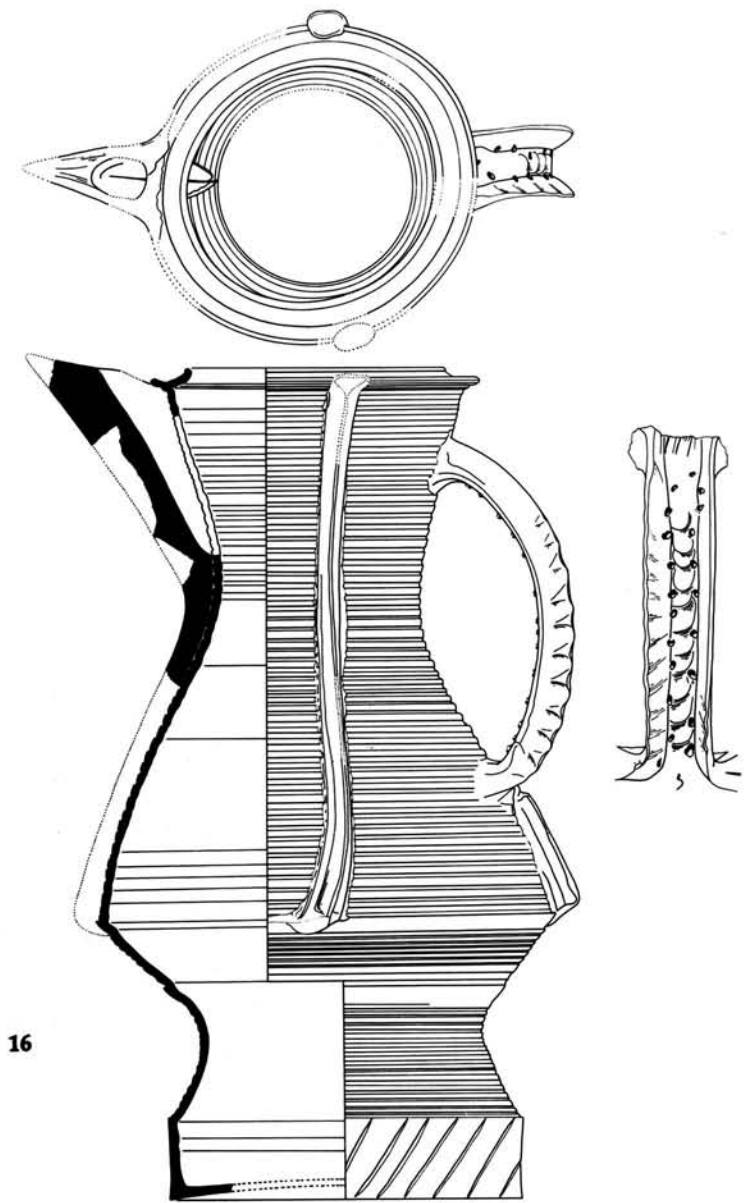
14



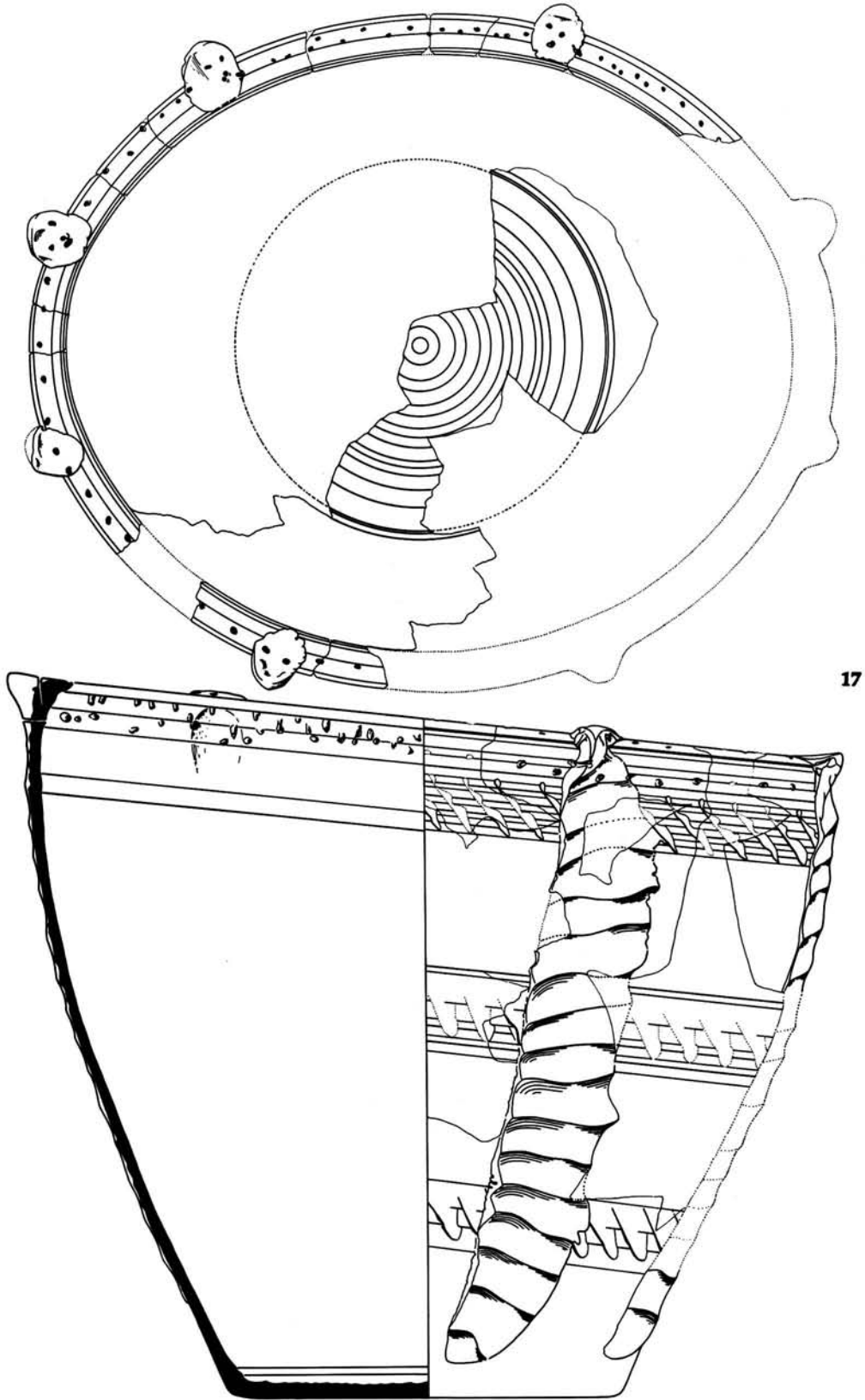
15



Estampa III - Alguns exemplares de púcaros (Esc. 1:3)



Estampa IV - Jarro (Esc. 1:3)



Estampa V - Balde (Esc. 1:4)



Estampa VI - 18. Jarro, 19. Pote

BIBLIOGRAFIA

ARGOTE, Contador de (1747) — *Memórias do Arcebispado de Braga*, II, Lisboa.

GASPAR, Alexandra (1985) — *Escavações arqueológicas na*

Rua da N.ª S.ª do Leite, em Braga, «Cadernos de Arqueologia», Série II, 2, pp. 51-125.

LACERDA, Aarão de (1942) — *História de Arte em Portugal*, I, Porto.